

Resumo: O artigo quer contribuir para a reflexão sobre a relação Igreja e Sociedade, partindo de uma leitura de textos de Amós e de Jeremias. A profecia tem sido fundamental para definir o caráter da religião, que não encontra sua validade somente nas doutrinas e rituais, mas na incidência na vida concreta das pessoas, quer dizer, em sua relação com a sociedade em que ela se encontra. Essa relação entre religião e sociedade está na origem do processo que deu à luz muitos textos da Bíblia. Ora, é exatamente do encontro ou confronto entre as dimensões da realidade e a memória da fé que nasce a profecia, como a de Amós, ou de Jeremias. No caso de Amós, é iluminador o texto do capítulo 2,6-16, no qual se comprova que, sem conhecimento e envolvimento com a realidade, não há profecia. Também não há profecia sem memória da experiência do Deus libertador. Por outro lado, havendo resistência, há profecia, projeto e esperança. Também no caso de Jeremias, a “palavra de YHWH” não lhe vem das nuvens ou de elucubrações, mas da vida do seu povo, da sensibilidade do profeta para com a justiça e a injustiça, da sua capacidade de avaliar e julgar a sua realidade e sociedade.

Abstract: The article intends to present food for thought about Church and Society, beginning with a reading of texts from the prophets Amos and Jeremiah. The prophecy was fundamental to define the type of religion which finds its validity not only in doctrinal statements and rituals but also in the concrete life of persons, that is, in its relationship with society where it is embedded. This relationship between religion and society is at the very origin giving rise to many texts of the Bible. In fact it is exactly the encounter or confrontation between the various dimensions of reality and the evocation of faith which gives rise to prophecy as for instance of Amos or Jeremiah. In the case of Amos the text of chapter 2:6-16 is quite revealing because it tenders in words the proof that without knowledge and involvement in reality there is no prophecy. Moreover, there is no prophecy without remembrance of the experience of God as liberator. On the other hand, if there is resistance against it there arise prophecy, projects, and hope. Also in the case of Jeremiah, the word “YHWH” doesn’t drop from the clouds or from speculations, but from the life of his people, from the sensibility of the prophet towards righteousness and injustice, from the willingness to appreciate and judge reality and society.

Igreja e sociedade: entre profecia e legitimação

*Luiz José Dietrich**

* O autor, doutorado em Ciências da Religião e em Teologia Bíblica, é membro da coordenação nacional do CEBI e professor no ITESC.



Eu te estabeleci em meu povo como observador, para que conheças e proves o seu caminho (Jr 6,27).

Introdução

No versículo acima, a palavra observador descreve a função do profeta. No hebraico encontramos aí a palavra *bahon*, que não é de fácil tradução. Isso fica evidente quando vemos que cada uma das Bíblias em português apresenta uma tradução diferente:

– Eu nomeio você como o examinador do meu povo, para que conheça e examine o comportamento dele (Bíblia Pastoral).

– Eu te nomeio provador de metais junto ao meu povo, tu apreciarás e examinarás sua conduta (Tradução Ecumênica da Bíblia).

– Qual acrisolador te estabeleci entre o meu povo, qual fortaleza, para que venhas a conhecer o seu caminho e o examines (Bíblia de Estudo de Almeida).

– Ponho-te como provador do meu povo, para conhecer e examinar sua conduta. (Tradução da CNBB)

Os versículos que seguem ao texto citado, referem-se a diversos metais: ferro, bronze, chumbo e prata refugada. Esse é o universo semântico da palavra *bahon*, que tem a ver com a função da pessoa que avalia os metais, assim como indicam as traduções da TEB e Almeida de estudo. Essa palavra é usada para definir a função do profeta entre seu povo. É uma função mais ativa do que aquela indicada pela palavra observador. O provador, examinador de metais, o acrisolador, deve fazer vários testes, procedimentos, misturas, confrontos, submeter ao fogo o metal observado para poder avaliar sua perfeição, sua pureza, seu valor. Portanto, assim também os profetas e as profetisas estão entre seu povo para testar, analisar suas ligas, seus comportamentos, seus valores, seus projetos. Em suma, a profecia consiste em fazer testes, confrontos e experiências dentro de uma certa realidade social a partir de uma determinada escala de valores, e dar um veredicto sobre ela.

A abordagem da temática Igreja e Sociedade permite repensar um importante aspecto da vida eclesial e espiritual. Muitas vezes esquecido, é fundamental para definir o caráter da religião. Uma religião não encontra sua validade somente em suas palavras e conteúdos doutrinários e rituais. Fundamentalmente seu valor, sua importância se mede pela incidência na vida concreta das pessoas, portanto em sua relação com a sociedade em



que ela se encontra. E ali ela pode, em nome de Deus, animar as pessoas e a comunidade a lutarem por outros mundos possíveis, ou pode, também, em nome de Deus, abençoar ou calar-se de modo cúmplice diante de sociedades que não são coerentes com os Evangelhos.

Ao abordarmos a Bíblia com essa preocupação, temos a oportunidade de revisitar e resgatar as raízes mais profundas de nossa fé. A fé de Israel surge como uma organização e um grito em defesa da vida. E é esse também o coração do judaísmo vivenciado e ressaltado por Jesus de Nazaré. Portanto, a reflexão sobre a relação entre nossa vivência religiosa e a sociedade em que vivemos é imprescindível, para a fidelidade ao Espírito do Deus revelado em Jesus.

Com este artigo queremos modestamente contribuir para a reflexão sobre a relação Igreja e Sociedade, partindo de uma leitura de textos de Amós e de Jeremias. Neste estudo podemos não só encontrar novos impulsos para seguirmos semeando novas relações, sonhos de um mundo diferente, novo. Mas também poderemos perceber como a relação fê/religião e sociedade está na origem do processo que deu à luz muitos textos da Bíblia. É exatamente do encontro entre as dimensões da realidade e da memória da fé que nasce a profecia, como a de Amós, ou de Jeremias.

Sem conhecimento e envolvimento com a sociedade não há profecia

Isso aparece claramente no capítulo dois do livro de Amós (Am 2,6-16). Olhemos com um pouco mais de cuidado esse trecho. Chama a atenção que os verbos da primeira parte, versos 6-8, referem-se a coisas que estão acontecendo, ao momento presente das comunidades camponesas por volta do ano 750 antes de Cristo, época em que viveu Amós. É o que em certa metodologia da Pastoral Latino-americana costumamos chamar de o momento do “ver”. Analisar, dizer, dar os nomes para o que se está vivendo na realidade, o que está acontecendo na sociedade, é o ponto de partida.

Deve-se observar também que esse momento não é fruto de uma só voz. Pois podemos perceber no texto muitas vozes que vêm de diferentes realidades do cotidiano da vida do povo. Nesses versículos podemos ouvir as vozes

- 1) do inocente que foi condenado por juízes corruptos (2,6b);
- 2) do pobre endividado que foi condenado por causa de “um par de sandálias” (2,6c);



- 3) do camponês oprimido, esmagado contra o pó da terra (2,7a);
- 4) dos pobres cujo direito é distorcido para que não tenham acesso à justiça (2,7b);
- 5) da jovem que é violentada por seus patrões (2,7c);
- 6) daqueles e daquelas que percebem os templos como lugares de acúmulo de tributo e de exploração dos pobres (2,8).

São vozes de muitas pessoas e grupos, são gritos e clamores que também vêm de muitos espaços sociais e de diferentes locais e instituições da cidade (tribunais, comércio, campo, leis e decretos, casa dos patrões, templos...). Podemos imaginar uma espécie de reunião de representantes de comunidades, onde cada pessoa fala dos problemas da sua realidade, da sua experiência de vida. Elaborar-se de forma comunitária o conhecimento da realidade. O texto da profecia é tecido com os muitos fios vindos da experiência de muitos atores sociais. Percebe-se, porém, que a perspectiva a partir da qual se analisa a sociedade não é a perspectiva dos poderosos. Mas é, sobretudo, a perspectiva das vítimas dessa sociedade. É a sensibilidade às vítimas, aos seus clamores, que preenche o coração da profecia e também o coração de Jesus. Dá-se voz e visibilidade às vítimas da sociedade e de seus processos, caminhos e projetos. As vítimas são colocadas no centro do debate sobre a sociedade. É um processo coletivo, comunitário, de reconhecimento e acolhida, de solidariedade. Este é o primeiro passo para a organização da resistência. Ele estabelece a realidade da qual brota a profecia. Mas a profecia não é feita somente com a análise da realidade e das estruturas da sociedade. Ela precisa da memória, precisa de valores, de projeto. É isso que vemos nos versículos seguintes.

Sem memória da experiência do Deus libertador não há profecia

Nos versículos 2,9-12 podemos ver o reavivamento da memória do processo de libertação que deu origem ao povo de Israel. Primeiro, menciona-se a libertação dos camponeses frente ao “amorreu”, os reis que ocupavam as cidades-estado de Canaã, (2,9) e, em seguida o Êxodo (2,10). Na sequência, aparecem os profetas e nazireus, que são as pessoas responsáveis por fazer o povo andar conforme o rosto de Deus revelado nessas experiências de libertação (2,11). Mas enquanto na parte anterior os verbos indicavam ações que estavam acontecendo naquele momento, aqui os verbos falam de ações realizadas por Deus no passado.



Atribuindo a Deus os processos de libertação nos quais os camponeses e as camponesas foram os sujeitos históricos, esses camponeses e camponesas estão proclamando sua fé no Deus libertador, no Deus da Vida. Dessa forma esses eventos são instituídos como revelação do rosto de Deus, mas com isso também passam a ser fonte de valores e parâmetros para as relações pessoais e sociais. Formam o quadro de valores com os quais a realidade é analisada e a sociedade é julgada. São esses valores que norteiam a ação de Amós e do seu movimento. Estamos no momento do “julgar”.

Havendo resistência, há profecia, há projeto e há esperança

Nos versículos finais, os verbos indicam ações que ainda irão se realizar, apontam para o futuro. Entramos então em outro bloco. Depois de ver e julgar, somos chamados ao “agir”. Aqui aparece o fruto da análise da realidade feita na primeira parte do texto, e o resultado do confronto feito com a memória e com os valores históricos que orientam o grupo de Amós. Essa parte é denúncia e também é projeto.

É denúncia na medida em que aponta, em última análise, quem são as pessoas e instituições que realizam ou permitem as situações de violência e opressão elencadas na primeira parte. A resistência começa, quando a realidade de injustiça e opressão é exposta com palavras, quando as pessoas oprimidas, as vítimas da sociedade, falam sobre sua situação, quando se pode ver claramente a realidade em que se vive (versículos 2,6-8). Aqui, a resistência começa a tornar-se projeto de luta e de sociedade ao apontar claramente qual é a instituição social que causa e mantém a situação de violência e opressão. “O ágil”, o “forte”, “o herói”, “o arqueiro” e “o cavaleiro” aqui provavelmente indicam os guerreiros a serviço do rei e do estado. Essa instituição é aquela que dá cobertura para que os grandes oprimam os camponeses e camponesas e também, em muitos casos, é a executora da opressão. Poderíamos ver nessa denúncia a luta, mas também o desejo, o sonho, o projeto e a utopia de Amós e do grupo de pessoas que estava com ele. Seus esforços são direcionados para relações sem violência, abertas a relações de solidariedade e para a construção de uma sociedade sem poderes concentrados e opressores.

Esse rápido passeio pelo texto de Amós também serve para vermos como toda a profecia é formada. Esse é o caminho pelo qual se formaram os textos proféticos que estão na Bíblia. É palavra comunitária, é



movimento e ação solidária e coletiva, mas suas raízes estão nas palavras que fazem a realidade aparecer, que nomeiam as dores, que identificam os processos e acolhem e se solidarizam com as vítimas, que discernem as causas da injustiça, da violência e da opressão, que trazem a memória e cultivam as sementes de “outros mundos possíveis”. Tanto a profecia de Amós quanto a própria imagem de Amós são coletivas, são formadas por palavras e ações de muitas pessoas. No momento histórico em que são ditas, mais ou menos no ano 750 aC., são palavras de denúncia, de indignação, palavras de ordem para a luta. São palavras como muitas que ouvimos nos movimentos populares vindas de líderes populares semelhantes a muitos homens e mulheres que conhecemos hoje.

Como hoje, as palavras desses camponeses não foram imediatamente aceitas pelos poderosos e pelos chefes de Israel, mas ficaram guardadas e vivas nas lutas e nas esperanças dos camponeses, pois são palavras e ações que, desde sua realidade, plantam resistência e espalham esperança porque apontam caminhos e antecipam a libertação. É somente depois da destruição da capital (Samaria) e dos poderosos da monarquia do reino do Norte pelos assírios, que os camponeses poderão instituir e apresentar essas palavras como “oráculo de YHWH”, e é dessa forma e nesse momento que Amós é instituído como profeta de YHWH, e assim ele entra na Bíblia. Antes eles eram somente parte importante do movimento camponês de Israel.

Esse é outro motivo pelo qual para nós é fundamental avançar no envolvimento com a sociedade e no conhecimento da realidade em que vivemos. Esse processo nos coloca dentro de um processo semelhante ao que deu origem à Bíblia, fertiliza nossa prática, ao mesmo tempo em que fertiliza nossa compreensão do texto e do mundo bíblico.

O que vimos resumidamente em Amós, pode ser visto de uma forma ou de outra também nos outros textos proféticos. A seguir faremos exercício semelhante no livro do profeta Jeremias.

Jeremias: Portador de memória

Quem é Jeremias? O que vimos acima para Amós, vale também para Jeremias, como para a maioria dos outros profetas. Eles foram personagens históricos que se distanciam muito do pensamento comum, que imagina o profeta como um indivíduo isolado do mundo e do seu povo, que de forma quase mágica recebe lampejos de iluminação vin-



dos diretamente de Deus. Como Amós e outros profetas e profetisas, Jeremias não é um personagem isolado. Muito pelo contrário. Ele atuou entre os anos 627-580 a.C., mas sua história começa muito tempo antes de ele ter nascido. Podemos seguir esta linha muito para trás, na história de Israel. Ela nos leva até as raízes de Israel. Até a sociedade tribal e ao início da monarquia.

Podemos perceber isso na importância que a memória da destruição de Silo ocupa em sua argumentação. A destruição de Silo, um dos santuários mais reverenciados da época tribal, aconteceu por volta de 1.030 a.C. Esse acontecimento é lembrado por Jeremias em Jr 7,12 e 14 e em Jr 26,6 e 9. A história de Jeremias começa neste santuário.

A memória da sociedade tribal

Silo era um importante santuário da tribo de Efraim, onde estava guardada a Arca da Aliança, veja por exemplo Js 18,10; 19,51; 22,12; Jz 21,19; 1Sm 1-3. O santuário de Silo, porém, foi destruído pelos filisteus, que nesse momento também se apoderaram da Arca (1Sm 4-6). Depois disso, os sacerdotes sobreviventes de Silo irão se estabelecer em Nob. Quando irrompe o conflito entre o rei Saul e Davi, que nesse momento era um dos chefes do exército de Saul, aparentemente os sacerdotes de Nob tomam partido a favor de Davi (1Sm 21,1-9). Por isso serão massacrados por Saul (1Sm 22,7-19). Desse massacre escapará um sacerdote, Abiatar, ele irá aliar-se com Davi (1Sm 22,20-23; 30,6-7). Após a morte de Saul e de seu filhos (1Sm 31,2), Davi torna-se primeiro rei de Judá (2Sm 2,1-4) e, depois, rei de Israel (2Sm 5,1-3). Em seguida, Davi irá conquistar a cidade de Jerusalém (2Sm 5,6-10) fazendo dela “a cidade de Davi”, a capital de seu reinado sobre as 12 tribos. Abiatar vai com Davi para Jerusalém. Tendo-se instalado em Jerusalém, Davi resgata a Arca dos filisteus e a leva para Jerusalém (2Sm 6). Desse modo, o sacerdote Abiatar e a Arca estão juntos novamente.

Mas, em Jerusalém, Davi terá dois sumos sacerdotes, um dos quais será Abiatar. O outro será Sadoc. Sadoc, muito provavelmente, é um sacerdote de origem Cananea, comandando o culto oficial da monarquia dos jebuseus que vivia anteriormente em Jerusalém. De fato, ambos aparecem como membros da estrutura administrativa, dividindo as funções sacerdotais durante o reinado de Davi (2Sm 8,15-18; 20,23-26). Em 2Sm 20,25 somente é dito que “Sadoc e Abiatar eram sacerdotes”. Mas em 2Sm 8,17 está escrito que “Sadoc, filho de Aquitob, e Aquimelec, filho de Abiatar, eram sacerdotes”. Essa passagem denota a tentativa



de apresentar o sacerdote cananeu Sadoc como descendente de uma linhagem sacerdotal Israelita, pois claramente distorce e se aproveita da informação apresentada em 1Sm 22,20, onde podemos ler que Abiatar é “filho de Aquimelec, filho de Aquitob.”

Memória da história: consciência política

Com a velhice ou a morte de Davi, deflagra-se uma disputa pelo trono dentro da sua própria família. A disputa divide a corte de Davi em dois grupos com projetos políticos distintos: o grupo de Hebron, formado pelas mulheres com as quais Davi casou enquanto era rei de Hebron e os filhos que nasceram desses casamentos (2Sm 3,2-5); e o grupo formado pelas mulheres com as quais Davi casou quando reinava em Jerusalém e os filhos nascidos em Jerusalém (2Sm 5,13-16).

Aqui precisamos notar que cada um desses casamentos representa uma aliança feita com famílias, clãs e tribos com importante poder e influência política, econômica e guerreira. Neles representa-se a estrutura social do poder. Representam a sociedade daquela época. Essas mulheres não vinham sozinhas para a casa do rei. Vinham acompanhadas por um séquito de mulheres e homens, que não somente irão apoiá-la na casa do rei, mas que também devem ajudá-la a participar e influenciar nos negócios e nas políticas da corte, de maneira a garantir que os interesses de sua família, clã ou tribo, fossem favorecidos ou pelo menos respeitados. Assim, na lista de Hebron (2Sm 3,2-5) podemos ver que uma das mulheres vinha da importante planície de Jezrael; outra, da região do Carmel; outra, de Gessur; e as outras, certamente eram de outros lugares. Os filhos que essas mulheres tinham com o rei eram criados, educados e formados por esse grupo de pessoas. Cada mãe e filho representam um grupo de interesses econômicos, comerciais e políticos dentro da corte. E, no momento da sucessão, esses grupos juntam forças e lutam para fazer com que seu filho seja o novo rei. Podemos ver claramente o grau de violência, que essas lutas podiam alcançar, quando da sucessão de Davi.

De acordo com as tradições tribais, o poder deveria passar do pai para o filho mais velho. Nessa lógica, o sucessor deveria ser o primogênito da lista dos filhos nascidos em Hebron, Amnon. Mas, na história da sucessão de Davi, que está em 2Sm 13-20 e termina em 1Rs 1 e 2, o que vemos é uma sucessão de mortes dos filhos mais velhos. Amnon é o primeiro a morrer. Depois morre Absalão. O último representante do grupo das mulheres e dos filhos nascidos em Hebron, que tem força



política para pleitear a coroa, é Adonias, que é apoiado pelo comandante Joab e também pelo sumo sacerdote Abiatar (1Rs 1,5-8). O projeto desse grupo certamente possui maior proximidade com as tradições camponesas tribais, javistas e israelitas. O outro grupo será formado pelas mulheres e filhos de Davi nascidos em Jerusalém. Com eles, apoiando Salomão, estará Banaías, o chefe dos guerreiros mercenários estrangeiros e o sumo sacerdote Sadoc (1Rs 1,38-39). O projeto político deste grupo está mais próximo das tradições monárquicas, estatais, cananeias.

Salomão, com o grupo de Jerusalém, vence o conflito, e o grupo oposto será assassinado (1Rs 2,12-35), com exceção do sacerdote Abiatar que será expulso para a cidade de Anatot (1Rs 2,26-27). Anatot fica a uns 10 km a noroeste de Jerusalém. Será de lá que Abiatar e seus descendentes verão ser construído o templo e florescer a religião oficial, agora sob o comando de Sadoc, sacerdote de origem cananeia, e do ramo davídico de Jerusalém.

Aqui nos reencontramos com o profeta Jeremias. Como o sacerdócio se transmite hereditariamente, cada família sacerdotal transfere para seus descendentes o ofício sacerdotal, e junto com o ofício são também transmitidos os ensinamentos rituais, certos códigos de conduta, a história da família, sua teologia e sua espiritualidade. Isso é transmitido de geração em geração, como o patrimônio mais valioso da família. Jeremias é de Anatot, e é um dos membros da linhagem sacerdotal de Abiatar (Jr 1,1): na sua formação, ele recebeu toda essa memória.

Memória e realidade

Mas Jeremias não somente portador da memória, ele também conhece muito bem a realidade em que vive. Essa memória certamente o auxilia a interpretar a realidade, de forma diferente de muitos dos seus contemporâneos.

Os “homens de Judá”, os membros da corte e do templo, achavam que suas políticas e ações estavam corretas. Eles diziam: “Nós somos sábios, e a Lei de Yahweh está conosco! (8,8)” Exaltavam a “paz” dessa situação (6,14; 8,11); fiavam-se na presença de Yahweh em Jerusalém e apresentavam-se como seus fiéis seguidores (7,4; 14,13). Mas Jeremias, com base na sua memória, e com seu conhecimento das alianças e dos projetos desses grupos, e certamente com sua sensibilidade para com as



vítimas das injustiças causadas por eles, interpretava essa realidade de outro modo:

*Com os crimes familiarizaste os teus caminhos;
Até nas orlas dos teus vestidos encontra-se
o sangue dos cadáveres dos pobres inocentes (2,33-34);*

*Como passarinhos que se agacham
eles montam armadilhas,
e caçam homens.
Como gaiola cheia de pássaros,
assim suas casas estão cheias de rapina.
Por isso tornaram-se grandes e ricos,
gordos e reluzentes.
Ultrapassaram até os limites do mal;
não respeitam o direito,
o direito dos órfãos e, todavia, têm êxito!
E não fazem justiça aos indigentes. (5,26-28)*

*Os profetas profetizam mentiras,
os sacerdotes procuram proveitos.
E meu povo gosta disso! (5,31)*

*Jerusalém é a cidade que foi visitada;
em seu seio tudo é opressão.
Como o poço faz brotar as suas águas,
assim ela faz brotar a sua maldade.
Violência e devastação é o que nela se ouve;
há continuamente diante de mim doenças e ferimentos. (6,6-7)*

Aqui precisamos lembrar que Jerusalém é a capital do reino de Judá. Em Jerusalém, além dos chefes militares e da guarda pessoal do rei, moram os administradores do país, os grandes proprietários e os grandes comerciantes. O rei e sua família e os sacerdotes sadoquitas, que controlam Jerusalém desde os tempos de Salomão, quando Abiatar, o “tataravô” de Jeremias, foi expulso de lá, certamente fazem parte desses grupos sociais. Também ali estão os profetas oficiais, que trabalham como “assessores” do rei e dos sacerdotes. É para essa gente que Jeremias está falando. Ele analisa e compreende o fluxo da riqueza em Judá. E é nas mãos dessa gente que vai parar a maior parte da produção dos camponeses e camponesas de Israel. Esta é a sua sociedade. E é isto que ele denuncia.



Sociedade: produção, circulação e acumulação da riqueza e os rostos e a vida do povo

Não sabemos exatamente se estas palavras foram ditas por Jeremias antes, durante ou depois da reforma de Josias (640-609 a.C.). É bem possível que tenham sido proferidas após a centralização do culto em Jerusalém, promovida por Josias. Todos os outros lugares de culto do reino do norte, que não haviam sido destruídos pelos ataques assírios, foram destruídos por Josias (2Rs 23). Após a reforma de Josias, somente era permitido o culto com sacrifícios e oferendas em Jerusalém. Inclusive a Páscoa deveria ser celebrada em Jerusalém. Isso aumentou enormemente o acúmulo de riquezas em Jerusalém.

Jeremias olhava a sua realidade. Olhava para os rostos e para a vida de seu povo. Olhava e acompanhava também o caminho feito pelo trigo, pelo azeite e pelo vinho em sua sociedade. Via como esse caminho começava com o suor dos camponeses e camponesas, e terminava acumulado na abundância e no luxo das casas de Jerusalém. Na linguagem de Jeremias, as casas dos moradores de Jerusalém estavam “cheias de rapina”. Via também que nesse caminho uma importante função era ocupada pelo Templo de Jerusalém. Assim, não condenava somente os chefes políticos, mas também culpava a elite sacerdotal de Jerusalém.

Sociedade: as alianças comerciais e políticas

A direção do fluxo da produção dos camponeses é determinada pelas alianças políticas dominantes. Jeremias vê que essas alianças faziam com que a maior parte da produção dos camponeses terminasse acumulada em forma de riqueza em Jerusalém. Por isso, ele denuncia políticos e religiosos envolvidos:

Não vos fieis em palavras mentirosas dizendo: ‘Este é o Templo de Yahweh, Templo de Yahweh, Templo de Yahweh!’ Porque se realmente melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se realmente praticardes o direito cada um com seu próximo, se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, se não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás de deuses estrangeiros para vossa desgraça, então eu habitarei convosco neste lugar, na terra que dei a vossos pais há muito tempo e para sempre. Eis que vós vos fiais em palavras mentirosas que não podem ajudar. Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a Baal, correr atrás de deuses estrangeiros,



que não conheceis, e depois virdes e vos apresentardes diante de mim neste Templo, onde meu nome é invocado e dizer: ‘Estamos salvos’, para continuar cometendo essas abominações! Este Templo, onde o meu nome é invocado, será porventura um covil de ladrões?

Mas Jeremias percebe que o caminho das mercadorias produzidas pelos camponeses de Judá vai além de Jerusalém. Jeremias também denuncia as alianças internacionais. Nos textos bíblicos, lemos que os reis de Israel e de Judá têm várias mulheres, e filhos e filhas com essas várias mulheres. Mas talvez nem sempre nos demos conta do significado e das implicações desses casamentos. Já vimos isso acima ao falar da disputa pelo trono de Davi. A corte do rei era formada por vários grupos que apoiavam política, econômica e militarmente o rei.

A sociedade vai além das fronteiras: as alianças e o comércio internacional

Os vários casamentos dos reis são os selos dessas alianças e abrem espaços para esses grupos participarem dentro da corte e influenciarem diretamente nos negócios, nas políticas e nos projetos do rei. Cada grupo cuida, educa, prepara e faz a formação do filho que o rei teve com a mulher do seu grupo. Uns têm interesses ligados à Assíria, cujo poder está em decadência, outros ao Egito, que luta por recuperar espaço, e outros estão ligados ao florescente poder Babilônico. O filho que se tornar o rei colocará em primeiro plano os interesses e projetos do grupo ao qual sua mãe pertence.

É exatamente essa variação de projetos e interesses que vemos nos últimos anos da política de Judá antes do exílio. É por isso que, quando um rei ou imperador estrangeiro vence Judá, ele escolhe o novo rei entre os filhos do rei morto. O novo dominador escolhe um filho do rei que é ligado a algum grupo que tenha negócios comerciais e/ou interesses políticos afins aos seus.

Assim, o Faraó que matou Josias “constituiu como rei a Eliacim, filho de Josias, em lugar de seu pai Josias” (2Rs 23,34). Este rei, que teve o seu nome mudado para Joaquim, pagará tributos para o Egito (2Rs 23,33 e 35) e colocará Judá em aliança com o Egito e contra a Babilônia (2Rs 24,1). Esse alinhamento de Judá com o Egito, que seguirá com o filho de Joaquim, que será chamado de Jeeonias (às vezes também aparece como Joaquin, Jeoaquin, Jeconias ou Conias), será o motivo do primeiro ataque dos babilônios a Jerusalém, e o rei Jeeonias e sua família estarão entre o primeiro grupo de deportados para o exílio na Babilônia (2Rs 24,12.15).



O rei da Babilônia substituirá Jeeonias por Matanias. Para indicar que este novo rei deverá ser submisso à Babilônia, o rei da Babilônia muda seu nome: de Matanias para Sedecias (2Rs 24,17). Mas Matanias/Sedecias era tio de Jeeonias, isto é, era irmão de Joaquim, do grupo pró-egípcio dos filhos de Josias. Ele agiu “como havia feito Joaquim”. Novamente fará aliança com o Egito e se revoltará contra a Babilônia (2Rs 24,19-20; Jr 2,18; 37,7). Por essa reincidência, a Babilônia atacará com fúria redobrada. Jerusalém será completamente arrasada, todos os filhos de Sedecias serão degolados na frente de Sedecias, que depois de ver isso terá seus olhos furados e será levado vivo para o exílio (2Rs 25,1-21).

Jeremias conhece esses grupos e suas motivações. Ele denuncia essas alianças. Alianças feitas para favorecer grupos interessados no grande comércio internacional. Não são alianças nem para proteger nem para favorecer o povo. Jeremias ataca os reis e seus “amantes”, que é como ele chama esses grupos de conspiradores (Jr 4,30; 22,20.22; 27,1-6). Jeremias percebe que os interesses deles estão somente nas mercadorias e não na vida do povo. Além de acompanhar o fluxo das mercadorias, Jeremias também analisa o comportamento político dessas lideranças. Num momento em que estavam cercados pelo exército babilônio, os ricos de Judá deram liberdade para seus escravos hebreus. Mas logo depois que o cerco se desfez, eles voltaram atrás e escravizaram novamente a seus irmãos pobres (Jr 34,8-22). Essas elites não estavam interessadas na vida de seu povo, mas somente olhavam para seus interesses.

“A Palavra de YHWH veio para Jeremias”

Por todo o itinerário que até aqui percorremos, podemos ver como veio para Jeremias a Palavra de YHWH. Não veio das nuvens, nem veio de forma mágica. Não veio a uma pessoa isolada da sociedade, nem veio em sonhos. Mas a Palavra de YHWH veio a Jeremias enquanto ele “observa” a vida, a realidade em que vive seu povo. Enquanto ele recorda a memória dos seus antepassados, enquanto ele observa o fluxo que faz a produção desde os campos dos trabalhadores até a capital, passando pelo Templo e alcançando as rotas comerciais internacionais. Ele observa as pessoas que controlam esse fluxo, as que ficam ricas com este movimento. Ele também vê e ouve as muitas pessoas que ficam pobres por causa desses mecanismos. É no meio das vozes dos seus antepassados e no meio dos clamores dos pobres do seu povo que brota a Palavra de Deus. A Palavra de YHWH vem a Jeremias na voz das vítimas de sua sociedade. São os pobres que guardam essas palavras, enquanto



os reis queimam os livros em que elas foram escritas (veja o capítulo 36 de Jeremias). Os camponeses explorados guardaram essas palavras, porque para eles eram palavras de Vida. Por isso, também são eles que instituem essas palavras como Palavra de Deus. Hoje as temos graças a eles, e certamente as palavras e a imagem de Jeremias, que chegaram até nós hoje, estão engrandecidas pela admiração que eles respeitadamente dedicaram àquele que sempre esteve ao lado deles e não teve medo de enfrentar reis, sacerdotes e profetas em defesa da vida de seu povo. (Jr 20,1-2; 26,8-9; 28,10; 29,26-27; 33,1; 36,5; 38,4-6.28; 39,15)

Jeremias escuta também o que dizem os condutores das caravanas comerciais. Atenção: uma notícia, eis que ela chega! Grande ruído vem da terra do Norte para transformar as cidades de Judá em solidão, em abrigo de chacais (Jr 10,22). As caravanas e as notícias andam mais depressa do que os exércitos que se detêm para cercar, guerrear e saquear as posições que encontram pelo caminho. Jeremias sabe avaliar a força do inimigo do Norte (1,14; 6,1.22-24; 8,16; 13,20). Sabe que Judá não tem condições de vencer essa luta porque sabe corretamente avaliar a sua realidade e a força do inimigo. Ele sabe também que os grandes que querem jogar Judá na aventura da guerra estão querendo somente proteger os seus interesses comerciais e políticos: Mas tu não tens olhos nem coração senão para o teu lucro, para o sangue inocente a derramar, para a opressão e para a violência a praticar (Jr 22,17). Por isso ele prega contra a guerra (27,8-22; 38,1-5).

Mas tudo isso vem da sensibilidade de Jeremias para com a justiça e a injustiça, para com os pobres, e da sua capacidade de “observar”, analisar e julgar a sua realidade e a sua sociedade.

Possamos nós inspirar-nos em Amós e em Jeremias, que certamente também inspiraram a prática de Jesus, para reencontrar as vertentes mais profundas de nossa fé. Que esses textos nos ajudem a compreender a importância fundamental de não somente conhecer a nossa sociedade, mas também de nos tornarmos cada vez mais sensíveis, acolhedores e solidários com as vítimas, para que em nós e em nossas comunidades se reforce o compromisso com a construção de uma sociedade em que se pratique o “direito e a justiça”, em que se “julgue a causa do pobre e do indigente”, o verdadeiro caminho para o conhecimento de YHWH. (Jr 22,15-16).

Endereço do Autor:

E-mail: luizdietrich@ig.com.br